

ADOLFO CESAR DE NORONHA

L

UM PEIXE DA MADEIRA

O PEIXE ESPADA PRETO, OU *APHANOPUS CARBO* DOS NATURALISTAS

25



EDIÇÃO DE
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PÓRTO



PEIXE DA MADEIRA

PEIXE ESPADA PRETO, OU APHANOPUS CARBO DOS NATURALISTAS

UM PEIXE DA MADEIRA

O PEIXE ESPADA PRETO, OU APHANOPUS CARBO DOS NATURALISTAS



UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARY



ADOLFO CESAR DE NORONHA

UM PEIXE DA MADEIRA

O PEIXE ESPADA PRETO, OU *APHANOPUS CARBO* DOS NATURALISTAS



EDIÇÃO DE
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PÓRTO

(8.994) - 5.785,75

ALTA PRAÇA DE LITONIA

UM PEIXE DA MADEIRA

O PEIXE ESPADA PRETO OU AMBA
NORUS CARBO DOS NATURALISTAS



BRAGA DE
A - BEXAROLA PORTUGUESA

AO HISTORIADOR EMERITO, O PROFES-
SOR DA UNIVERSIDADE DO PÓRTO

DR. DAMIÃO PERES

ALL INFORMATION CONTAINED
HEREIN IS UNCLASSIFIED

DR. DAMIÃO PERES

QUANDO Gonçalves Zarco, o navegador português do século XV, abicou à praia amena desta ilha, êle e os seus companheiros devem por certo ter ficado extasiados ante o espectáculo que se lhes deparava das inúmeras aves que aqui viviam e se mostravam tantas e tão mansas que as caçavam a pau e pedra e até mesmo as apanhavam à mão, na fúria pouco nobre do extermínio fácil de animais que se não sabiam defender.

Satisfeita a necessidade da conservação pessoal, a par dêsse supremo e atavico instinto bestial que leva o homem a matar pelo prazer de matar, Zarco e a sua gente, já saciados da muita caça — aves e lobos marinhos — que, em parte, inútil e ferozmente haviam abatido, como homens do mar e naturalmente desejosos de provar do peixe fresco de águas ainda virgens, nunca dantes exploradas e até singradas pela vez primeira na história, devem ter voltado os olhos para o muito peixe que, ao redor dos bateis ou no fundo baixo da costa, a água clara deixava vêr em numerosos e cerrados cardumes.

Nada nos diz a êsse respeito o cronista, mas os pescadores, que deviam avultar entre a tripulação, não devem ter podido resistir à tentação de ensaiar o seu offício nas águas fartamente piscosas da nova terra descoberta.

Abalando de Machico, proa ao oeste, e retrocedendo para leste já de volta do altíssimo e ingente Cabo Girão, — o nosso famoso Adamastor que Zarco, qual outro Bartolomeu Dias, não quizera dobrar naquele seu primeiro reconhecimento da costa — depois de passar pelo sítio a que chamaram a *Cama dos Lobos*, vieram os bateis, como já haviam feito na véspera, lançar ferro na vasta baía que se encurva para o oriente e vai terminar naquela ponta, chamada do Garajau, que ao longe sôbre o fundo do céu azul esgazeado da canicula — era em Julho — devia então, como ainda hoje, recortar o perfil cornudo da cabeça dum rinoceronte debruçado sôbre o mar.

Foi ali, ao abrigo dos dois ilheus mais tarde cognominados da Pontinha e do Forte de S. José, onde ancoraram os dois bateis, naquele mesmo sítio em que ainda há poucos anos iam às vezes senhoras do Funchal, pelas tardes de Julho, num passatempo inofensivo, pescar o

Garapau, foi ali — bem queremos crê-lo — a meia dúzia de braças da terra, e simultaneamente na baía de Machico, onde haviam ficado os navios de Zarco, que deve ter sido iniciada a pesca nos mares da Madeira.

* * *

Fundada a colónia, o pescador, que do Algarve e outros pontos aqui veio estabelecer-se, foi com o tempo avançando para o alto, buscando os grandes fundos, até que um dia pescou os *peixes de azeite*, assim conhecidos porque do seu figado é costume extrair-se grande quantidade de óleo — o chamado azeite de peixe, aplicado principalmente à pesca ao candeio e, noutro tempo, á iluminação caseira do pobre.

São êstes peixes as chamadas Lixas no continente de Portugal e pertencem ao Grupo dos Esqualos, — peixes de esqueleto cartilágneo, cujo tipo vulgar menos mal conhecido é o Tubarão azulado de fama mundial ou Tintureira dos pescadores portugueses.

A par dos Esqualos da fundura, quando as suas linhas tocavam já em fundos de 600, 800 e mesmo cêrca de 1.000 metros, pescou um dia o pescador madeirense certo peixe, negro como carvão, alongado, serpentiforme, com pouco menos de metro e meio de comprimento, liso, sem escama, a cabeça angulosa, rictus feroz, dentuça rala mas longa e ponteaguda, olhos enormes, enfim, um monstro.

Era o Peixe espada preto, peixe raro ainda então, a êsse tempo.

Conhecia já o pescador um parente próximo dêste monstro, o Peixe espada branco, essa espécie cosmopolita que navega ora á superfície, ora a relativamente pequena profundidade — quando muito a 300 metros de fundura é colhida na Madeira — e aparece na Noruega, no Mediterrâneo, no Cabo da Boa Esperança; ou através do Pacífico, na Califórnia, na Nova Zelandia, na Tasmania.

Era já conhecido o Espada branco, que, embora de hábitos pelágicos, isto é, do alto mar, não desdenha por vezes, ao arribar ainda novo e em grande quantidade aos nossos mares, chegar-se para a costa a ponto tal que o temos visto pescar, altas horas da noite, sôbre o molhe da Pontinha, no Funchal.

Não assim o Peixe espada preto. Ainda que a conformação geral o aproxime do seu parente de pele branca, ou melhor, de pele prateada, o Espada preto é o que os biólogos do mar chamam um peixe batipelágico, isto é, das profundezas do pélagos, ao passo que o branco é um peixe epipelágico, ou seja, da parte alta, ou da superfície do pélagos. Pelo menos é assim que êste último muitas vezes se comporta ao aparecer nas águas destas ilhas, e embora venha a reconhecer-se um dia que é susceptível de descer aos abismos sob pressões enormes de centenas de atmosferas, é certo que esta faculdade de transportar-se à superfície, ou em zonas não muito profundas, o distingue notavelmente da outra espécie, de hábitos caracterizadamente abissais.

Além disso, o preto tem hábitos sedentários, ou pouco menos do

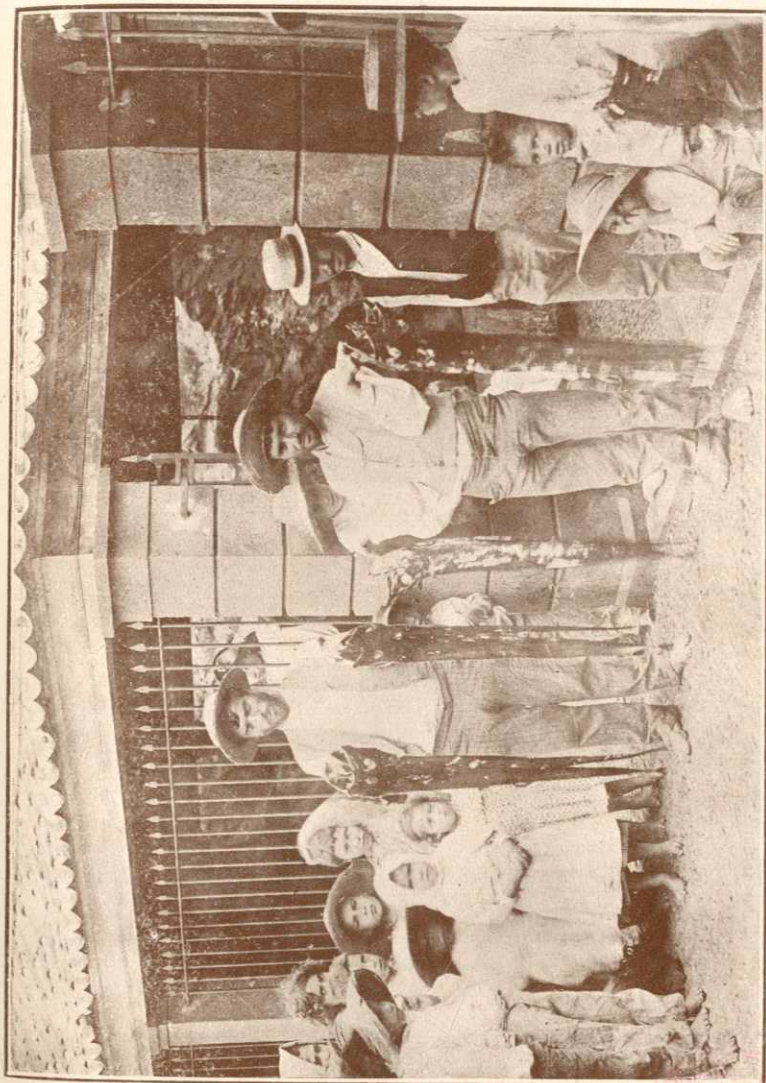


A PAIA DE CAMEL DE SIBIRIA E SUO APLICADO NA VIA AO LESTE O CEPO, SIBIRIA

A Universidade de São Paulo, através do Departamento de Geografia, tem a honra de publicar esta obra, que contém o resultado das pesquisas realizadas pelo Sr. N. O. SIBIRIA, em 1934, durante sua estada no Brasil, sob a orientação do Sr. Dr. N. O. SIBIRIA, em 1934.

1934. N. O. SIBIRIA, 1934.





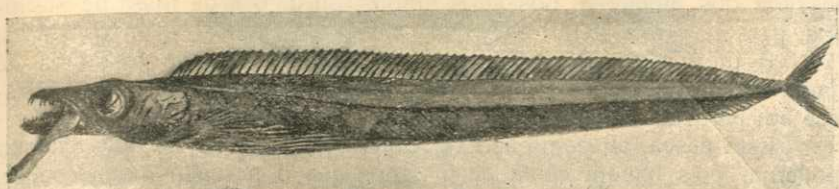
A CHEGADA DO PEIXE ESPADA PRETO AO MERCADO DE CAMA DE LOBOS

Fot. de M. O. Perestrelo & F. os



que isso, enquanto que o branco—tudo nos leva a crê-lo—é nómada, pelo menos, muito mais nómada do que o outro, deslocando-se—quem sabe?—talvez em viagens que bem se nos afiguram poder chamar-se de longo curso.

A grande velocidade do Espada branco, testemunhando resistência e actividade, junto ao factó de êle aqui passar com irregularidade mais que extraordinária, havendo anos consecutivos em que mal aparece, ou desaparece por completo, outros em que até mesmo rente à costa as redes o colhem em grande número, principalmente os indivíduos novos com menos de um metro de comprimento, tudo isso reunido ao factó de não ter sido aqui pescado normalmente além da zona batimétrica de 250 metros—e na Madeira há aparelhos de linha que bem se podem chamar registadores, pois descem diáriamente a profundidades raramente



O PEIXE ESPADA PRETO

Por efeito da decompressão experimentada ao subir da profundidade à superfície do mar o estomago projecta-se-lhe pela boca fóra e o ventre apresenta-se fendido longitudinalmente.

atingidas noutra parte—tudo isso, repetimos, nos leva a crer que o *Lepidopus caudatus* dos naturalistas, ou o Peixe espada branco, é um viajante que nos vem de longe navegando nas camadas pouco profundas do oceano.

Em opposição com êstes hábitos, podemos talvez dizer que o Peixe espada preto é nosso, essencialmente madeirense e só próprio dos nossos mares, visto que um ou outro indivíduo que os pescadores canários conseguem capturar quando se aventuram mais ao norte das suas ilhas, ou que o pescador da fossa de Sesimbra apanha nos espinheis das Lixas, não são mais do que tresmalhados que vagueiam ao largo da periferia do grosso dos cardumes.

* * *

Não sendo o Espada preto um peixe de passagem, antes vivendo connosco permanentemente, a sua assiduidade nos mercados, sempre que o estado do mar o permite, faz dele o verdadeiro e fiel amigo do pobre, ao mesmo tempo que pela boa qualidade e submissão às variadas

manipulações culinárias tem ajudado a fazer a fortuna de muito hoteleiro nacional e inglês...

É tal o uso que dele fazem os cosinheiros madeirenses, que um dia perguntou-nos uma inglesa se conhecíamos certo peixe que ela todos os dias comia no hotel, que ela tinha a certeza de ser sempre o mesmo, muito embora a lista da mesa o apresentasse cada dia com um nome francês sempre diferente e sempre arrezado!

Pertencente a uma família afim da dos Atuns, ou dos Tunídeos, pelo seu sabor é o Peixe espada preto para muita gente muito mais delicado que qualquer Atum, e como factor na economia madeirense pode talvez dizer-se que representa, depois do Atum patudo, a maior quantidade de niassa alimentícia arrancada ao mar anualmente.

Constitue uma das pescas industriais que a maior profundidade se exercem em todo o mundo, hobreando a êsse respeito com a pescaria dos japoneses nos altos fundos, ou com a da fossa de Sesimbra, para a pesca das Lixas, pela gente de Setúbal e proximidades.

É uma indústria privativa, pode dizer-se, da vila piscatória de Cama de Lobos que, durante todo o ano, com êste peixe abissal abastece em particular a população de todo o litoral sul da Madeira.

Esta pesca, tal como se exerce actualmente, bem se pode chamar moderna, pois haverá cêrca de 50 anos que o pescador camalobense, tendo descoberto o habitat normal do *Aphanopus carbo*, — é o nome científico da espécie que nos ocupa — o vai buscar diáriamente com muito mais regularidade do que colhe o comum Chicharro, a Cavala ou o Atum. É hoje muito vulgar e, quando os autores, como Alberto Günther, D. Carlos de Bragança, Alberto Girard e outros, o davam nos seus livros como raro mesmo na Madeira, já aqui era capturado na mais larga escala. E' que, repetindo o que Ricardo Lowe dissera em 1839 nas publicações da Sociedade Zoológica de Londres, ao ver o primeiro e único exemplar, os autores que se lhe seguiram, copiando-o, caíram num fácil engano, de resto muito desculpável em matéria desta ordem.

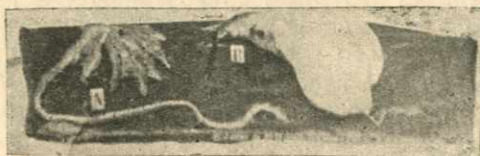
Até os anos de setenta do século passado, era o Peixe espada preto colhido pelos homens de Cama de Lobos só muito raramente, quando iam ao *Allo* e à *Altura* — zonas que êles definem desde cêrca de 500 a 1.200 metros de profundidade — em busca do chamado *peixe bom*, ou dos peixes de azeite que fazem parte do *benthos*, isto é, do conjunto dos organismos que vagueiam sôbre o fundo do oceano.

Exemplar que apparecesse no mercado só ia á mesa do rico, pois custava sete e oito tostões. Vindo depois a abundância com o avançar para o largo e o uso de linhas assás compridas, o pescador camalobense — ou *tangerino*, como por alcunha o apelidam, — entrando numa zona que êle chama o *Altio* e onde não chega a tocar o fundo, conseguiu descobrir uma riqueza que êle — em geral criatura infeliz — mal sabe aproveitar, mas à população da ilha veiu dar um alimento fino, são e barato. Chegou então a vender-se êste peixe, nos dias de grande abundância, a 20 réis cada um, e a 10 réis por junto aos negociantes

revendedores. Hoje, com a modificação geral das cousas, Peixe espada que pese cêrca de dois quilogramas, em dias de escassês chega a atingir o preço de dez escudos, o que equivale a metade do preço do Atum nas mesmas circunstâncias.

* * *

Durante muitos anos levou o pescador madeirense o seu aparelho aos altos fundos, muito antes dos naturalistas franceses do «Travailleur», os americanos do «Blake» ou os ingleses do «Challenger» fazerem conhecida do mundo da sciência a exuberância da vida ictiológica na profundeza do oceano.



A — Apendices pilóricos e parte do intestino.

B — Bexiga natatória muito dilatada.

Já antes daquelas memoráveis campanhas, quando entre os estudiosos das cousas do mar corria como um dogma aquela afirmativa de uma grande autoridade como Edward Forbes, segundo a qual a vida nos mares cessava completamente aí pela profundidade de 450 metros, e ainda Fleeming Jenkin e o ilustre Alphonse Milne-Edwards, não haviam refutado aquele êrro, de modo perentório, pela observação e estudo dos vários organismos aderentes a fragmentos do cabo telegráfico rocegado a mais de 2.000 metros de fundura, entre a Sardenha e a Tunísia,— já então o pescador da Madeira capturava, entre outros, a Mõna, aquele grande esqualo ou tubarão abissal descrito pelo nosso Felix de Brito Capelo, sob o nome de *Pseudotriakis microdon* e ainda hoje apresentado como raro pelos ictiologistas de todo o mundo. Um exemplar desta espécie alcançou o príncipe de Monaco na profundidade de 1477 metros ao sudoeste da ilha do Sal, em Cabo Verde, e pelo nosso lado já aqui fizemos extrair a pele a uma meia dúzia de indivíduos.

Já pescava também outro interessante esqualo, a Xara preta de natura — como o anterior, assinalado agora pela primeira vez nas nossas águas— que é aquele *Centroscymnus obscurus* que Vaillant foi descobrir ao largo do Sudão a 1.435 metros de profundura, a quando da expedição do «Talisman», e de que alguns exemplares conservamos na nossa colecção de peixes abissais; como já colhia Escopelídios vários de escamas luminosas; Alepocefalídeos de grande escama caduca, ou pele nua e negra; o extraordinário *Chiasmodon niger*, considerado ainda hoje raro, mas de que havemos já oferecido exemplares vários a dife-

rentes amigos da Europa e América, — e tão extraordinário êste, que a sua enorme boca e extensível ventre lhe permitem engulir, às vezes com risco da vida, prêsas três ou quatro vezes maiores que êle próprio. E como estas muitas outras espécies de extremado interêsse para o cultor da ciência talassográfica.

* * *

Aphanopus carbo chamou Ricardo Lowe a esta espécie, querendo assim pôr em evidência certos caracteres bem dignos de prender a atenção.

Com efeito, a palavra *Aphanopus* compõe-se de elementos gregos que significam *sem pés aparentes*; e na verdade, êste peixe, não tendo barbatanas ventrais ou membros posteriores, é como se não tivesse pés. E o nome específico *carbo* — carvão — está mais que justificado pela côr anegrada da sua pele lisa, de um negro mais ou menos profundo, côr que não só lhe pertence, mas é também apanágio de muitos dos seu companheiros da profundeza do mar.

A ictionomia popular chama-lhe Peixe espada preto e com acêrto, pela côr e pela forma alongada e comprimida. Mas êsse nome é duplamente justificado, porque êste peixe mata, e mata como qualquer espada assassina.

Logo atrás do orifício anal pôs-lhe a natureza uma terrível arma ofensiva constituída por uma espinha curta e resistente, embebida de certa mucosidade venenosa. Como se os dentes não lhe fossem suficientes, dir-se-ia que algum químico infernal, ao serviço da guerra nos abismos, houvesse aplicado a sua ciência ao aperfeiçoamento de mais uma arma para a luta pela vida.

O homem ao picar-se nesse punhal pode sofrer intensamente, e até mesmo alcançar a morte em virtude de complicações conseqüentes à ferida e agravadas cêrtamente pela natureza do mucus que reveste o terrível agulhão.

Ao «Folk-lore», ou Sabedoria-do-Povo, anda de certo modo ligado o Espada preto pela grande semelhança que em conjunto affectam com uma pequena mão humana os seus apêndices pilóricos, ou sejam os canais sem saída e em forma de dedos que existem na junção do estômago com o intestino.

Diz o povo — sem pretender acreditá-lo, deve supor-se — que um Peixe espada enguliu um dia a mão do cadáver de uma criança descido ao abismo após um naufrágio, e desde então todos os Espadas trazem na cavidade abdominal, fazendo parte das suas vísceras, a marca certa da sua ferocidade horripilante!

Espalhados naquela cavidade e enquistados no peritoneu, nas vísceras ou no mesentério observam-se em certos indivíduos, numerosos pequenos vermes parasitas, enroscados por vezes em hélice, como a dar-nos a impressão de pequenos caracois vítreos e translúcidos do género *Hyalinia*.

É no momento actual, em que escrevemos, desde Novembro a meados de Dezembro, que a fêmea do Peixe espada preto depõe os inúmeros ovos que ela tem a faculdade de gerar. Não andaremos muito longe da verdade, se calcularmos êsses ovos em cêrca de 300.000, número êste que bem se harmonisa com as condições de vida dos peixes abissais.

Não podendo as plantas viver nas profundas do oceano, todos os animais que lá habitam têm de ser carnívoros, declarando entre si uma guerra de feroz extermínio e chegando os indivíduos a devorar a própria prole. É o que deve fazer o Espada preto com a sua enorme dentuça, ao mesmo tempo que cultiva em si próprio, pela faculdade da reprodução e em quantidade prodigiosa, o germen dos sêres que hão de manter o indivíduo e conservar a espécie.

É a admirável engrenagem da economia orgânica universal a atestar um plano transcendentemente inteligente!

* * *

O processo de captura dêste peixe não deixa de oferecer certo interêsse.

Duas linhas, independentes uma da outra, suspensas verticalmente sem tocar o fundo, e uma de cada lado da pequena embarcação, constituem o aparelho desta pesca. Pode medir cada uma delas 1.500 a 1.600 metros, e excepcionalmente 1.800 como usaram em anos passados, e só a partir de 800 ou 900 metros contados da superfície é que são guarnecidos de estrôvos ou pequenas linhas laterais em número de 140 a 180, cada uma com um anzol, levando a linha madre na sua extremidade inferior uma pequena pedra—o pandulho—que a fará afundar. É afinal o que no continente português se chama um *espinhel* e em França *palangre* ou *palancre*, apenas com a particularidade de que aqui só funciona verticalmente em tôda a sua extensão.

Como peixe batipelágico, e embora pareça fazer parte do *benthos*, é a certa distância do fundo que o pescador vai buscar o Espada preto, evitando que o pandulho vá tocar o solo submarino, onde se arrisca a perder grande parte do aparelho, se as linhas se lhe enroscam num solo de natureza rochosa.

O anzol que chegue a perto da zona de 1.800 metros desce quasi tão fundo quanto o pico Ruivo, o mais alto da Madeira, se eleva em altitude. É, porém, na zona que medeia entre 800 e 1.600 metros, que o *Aphanopus carbo* se deixa de ordinário fisgar nos *chambiões*, — designação pela qual são conhecidas as peças inferiores da linha guarnecidas de anzóis e correspondentes ao horizonte batimétrico dêste peixe.

Á profundidade de 1.600 metros a pressão que qualquer animal suporta não é inferior a 160 atmosferas, o que equivale a dizer que há 1.000 quilogramas por plegada quadrada! Ao fazer-se a descompressão quando o peixe é alado à borda, o estômago dilata-se-lhe pela bôca fóra ou pelos opérculos sob a acção dos gazes da bexiga natatória, que se

descomprimiram gradualmente na subida, e os músculos do abdomen aparecem fendidos em sulcos longitudinais. Esta enorme profundidade obriga o pescador a consumir muitas vezes duas longas horas no colher de cada linha, como nós próprio temos verificado quando o acompanhamos ao Altio na sua arriscada faina nocturna, em pequena e frágil embarcação aberta.

Como isca é usado no verão um molusco cefalópodo, a Pota — *Ommastrephes sagittata* dos naturalistas — própria da mesma região de pesca, onde sobe durante a noite, do ab'smo à superfície; enquanto que no inverno a isca preferida é o Chicharro ou a Cavala, e ainda a Freira, peixe do fim do inverno e primavera e que é a Chaputa de certas localidades do continente de Portugal.

* * *

A par da pressão enorme que suportam êstes seres batipelágicos há que considerar com não menos interêsse a baixa temperatura do meio em que vivem.

Nesta parte do Atlântico, na zona batimétrica de 1.500 metros não deve experimentar o Peixe espada preto uma temperatura superior a 7.º centígrados, a avaliar pelos dados que amavelmente nos foram fornecidos pelo illustre sábio dinamarquês, Dr. J. Schmidt, quando da sua passagem no Funchal, a caminho da solução definitiva do magno e secularmente célebre problema da Enguia.

Os números que nos comunicou o notável biólogo a bordo do seu glorioso «Dana», quando ao largo das ilhas Desertas gentilmente nos mostrava o funcionar dos seus aparelhos, não se referem à faixa de mar profundo que se estende de leste a oeste, pelo sul da Madeira, onde é exercida a pesca do *Aphanopus carbo*. Como, porém, êsses números foram determinados — em Outubro, diga-se de passagem — para um ponto situado um pouco ao norte da ilha do Porto Santo, podemos applica-los talvez sem grande êrro àquela faixa marítima, que não está distante desta pequena ilha.

Desejaríamos ainda fazer referênciã a outros efeitos da acção solar, ou à influênciã lunar, naquelas profunduras, mas pouco diremos a êsse respeito, porque nos foge o tempo e o espaço.

Tem-se dito que os raios solares luminosos não penetram, mesmo em águas transparentes, além do horizonte batimétrico dos 400 metros. Nenhuma autoridade no assunto, que nos conste, põe em dúvida essa asserção.

No entanto diremos que é hoje para nós averiguado o seguinte facto: — o pescador colhe sempre maior número de Espadas pretos durante a noite do que durante o dia, e por isso é que esta pesca é nocturna. Se se deixa ficar no mar pelo dia adiante e quer colher aquele peixe, tem de ir mais ao largo e procurar maior profundidade, e ainda assim a colheita é muito mais escassa que a da noite.

Por outro lado, nos dias de inverno quando o céu é de chumbo

carregado e a luz do sol mal ilumina a terra, o pescador, então, se o tempo o permite, ao sair em busca dêste peixe não necessita de procurar a profundidade extrema e mesmo de dia pode fazer pescaria regular. A zona que normalmente explora durante a noite é-lhe suficiente e produtiva quando o dia se apresenta escuro e fortemente nublado.

Resumindo, diremos a êste respeito: — ausenta-se o sol, sóbe o peixe, deslocando-se ao mesmo tempo do largo para a costa.

Como explicar o facto, que de resto não diz respeito apenas a êste habitante do pélogo do mar?

Se na realidade a luz dos espaços não desce muito fundo, haverá aqui alguma misteriosa radiação solar, ainda desconhecida, ou pelo menos ainda não determinada, que penetra até os frios abismos do oceano e a cuja influência certos animais procuram subtraír-se?...

Ou os raios luminosos conseguem penetrar para além do limite que lhes é geralmente assinalado?...

Enfim, digam lá os sábios da oceanografia que mistério é êste, entre tantos, do esfíngico, profundo e imenso mar!...

Funchal — Madeira, 30 de Novembro de 1924.



ACABOU-SE DE IMPRIMIR
NA EMP. INDUSTRIAL GRÁFICA DO PÔRTO, L.^{DA},
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 10 DE JULHO DE 1925.

